

Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 22 de Novembro de 2017

Texto de referência: J. Carrón, No início não foi assim!, Página Um, Passos novembro 2017, pp. IX-XVI.

- *Liberazione n. 2*
- *Give me Jesus*

Glória

Veni Sancte Spiritus

Só quem aos poucos cresce na consciência do que cantámos na primeira música – “Não me basta esta noite / um livro, uma canção / ou um amor de mulher” (C. Chieffo, “Liberazione n. 2”) – pode se levantar de manhã – “In the morning when I rise” (“Give me Jesus”, em *Cantos*, 2015, pg 295), de manhã quando me levanto – pedindo o Único que pode responder a esta espera.

“O que nos torna pobres assim?”, pergunta uma pessoa que não pôde vir porque mora longe. “A última Escola de Comunidade provocou-me muito, porque se explicava o que é a pobreza: ‘Acontecia algo onde se impunha a Sua presença. Era isso que dava novamente a todos nós aquela postura da criança’, ou seja, esta consciência de si como pobreza. Foi como um soco no estômago, porque eu achava que tinha a postura que tu descreveste um pouco por predisposição natural, como se fosse algo inato. Porém, tu disseste que é o acontecimento que nos dá novamente essa postura”. Em parte é verdade: viemos ao mundo assim, como crianças, mas, com o tempo, como vemos por experiência, decaímos. E por isso precisamos de alguém que nos recolocque naquela postura de crianças, naquela postura de pobreza. E isso faz com que nasça o pedido: “Gostaria realmente de perceber melhor como acontece esse ‘ponto misterioso’ da pobreza. Peço que aprofundes isso”. Que relação há entre esse acontecimento e a pobreza?

Certo dia, quando chegou a noite, estava muito triste e amargurada por causa de uma situação particular que tinha acontecido no trabalho. Com o desejo de defender os direitos de uma pessoa, e aquilo que era justo, envolvi-me com a questão, procurei estratégias. À noite, cansada, quando peguei o texto da Jornada de Início de Ano, li: “O ponto de partida do cristão é um Acontecimento. O ponto de partida dos outros é uma determinada impressão das coisas” (pg. IX). Para mim, naquele dia, o Acontecimento não chegou nem perto dos meus pensamentos. Não chegou mesmo! Isso fez-me querer entender o que significava e por que não tinha nem sequer passado pela cabeça. Percebem? Aquela postura é inata, mas pode haver dias em que sequer nos vem à cabeça, porque não estamos numa postura de pobreza. Historicamente é assim que acontece.

Naquele dia, eu realmente quis colocar algumas pessoas em dificuldade! Fazendo-me essas perguntas, percebi o seguinte: acontecem circunstâncias, até mais difíceis e problemáticas, nas quais estou aberta e disponível ao Mistério, cheia de pedido, desejando perceber o que me está a querer mostrar e o que me pede. Enfrentando essas coisas, não me sinto cansada, não fico abatida, pelo contrário, sinto-me mais certa de quem eu sou e de Quem conduz a minha vida, certa de que há um bem para mim do qual já estou a participar. A diferença no modo de enfrentar as circunstâncias está no facto de que em algumas delas estou totalmente desarmada e a única posição possível é o pedido. Sou pobre. Em outras, eu já sei o que é certo, o que preciso fazer, portanto, não peço, aliás, nem penso nisso, até que acontece alguma coisa, como a leitura da Jornada de Início de Ano, que introduz um outro critério. Ter percebido isto abriu um horizonte novo sobre o significado da pobreza. Vi a relação entre pobreza e Acontecimento. Só uma alma necessitada, aberta, pode reconhecer o Acontecimento que está a acontecer agora.

É interessante que comecemos a descobrir estas coisas que foram ditas na Jornada de Início de Ano não simplesmente como fórmulas a serem repetidas, mas como algo significativo para a vida. Por quê? Porque enfrentando as coisas – como ela disse – com essa pobreza, enfrentamos as circunstâncias e os desafios quotidianos com um pedido. Porém, quando enfrentamos as mesmas circunstâncias sem esta abertura, como um “já sabido”, isso cansa-nos. Esta abertura é fundamental, porque nos ajuda a perceber quando o Acontecimento está a acontecer ou não. Temos indícios, sintomas que mostram que alguma coisa não está a funcionar. Quando há essa postura de abertura “sinto-me mais certa de quem eu sou e de Quem conduz a minha vida”. A questão é como essa pobreza nos é devolvida – dado que, mesmo que de certo modo seja inata, nós perdemo-la ao longo do caminho –: é –nos devolvida exatamente como aconteceu contigo na Jornada Dia de Início de Ano, que fez entrar em você um olhar novo.

Uma pessoa do estrangeiro escreveu-me exatamente sobre esse ponto, contando o que acontece quando alguém é determinado por este Acontecimento. Essa pessoa teve um problema realmente grave no trabalho e uma outra pessoa que trabalha com ela percebeu como ela enfrentou a situação de um modo novo. E disse-lhe: “Desde que te vi reagir assim [uma novidade que pode ser tocada, vista, não é algo que alguém imagina, eu não a invento, não a gero com o meu olhar; as duas não tinham um relacionamento particularmente próximo, mas ao ver a sua reação] não consegui tirar isso da minha cabeça”, mesmo não percebendo porquê. Até que, num determinado momento, ela se deu conta: tinha tudo, “duas filhas lindas, um bom companheiro de caminho, uma certa estabilidade económica, saúde, fazia viagens, mas me faltava algo”, algo que a pessoa que a tinha impressionado “tinha em abundância, para dar e vender”. E foi justamente isso que a surpreendeu, de tal modo que achava que estava louca. Depois, pergunta-se: “Será que estou mesmo louca?”. E responde: “não”. Depois, a amiga da carta começou a ter um relacionamento com ela e convidou-a para algumas assembleias de Escola de Comunidade sobre os Exercícios; depois, deu-lhe o livrinho dos Exercícios, que ela leu praticamente numa noite, dizendo-lhe que não tinha conseguido parar de ler porque “cada palavra era justamente para mim”. Depois, convidou-a para a Jornada de Início de Ano e todos ficaram impressionados com a mudança que estava a acontecer nela; até os seus alunos, além do marido e das suas amigas, perguntavam-lhe: “Mas o que é que estás a tomar?!”. E outros amigos começaram a ir atrás dela, e também para a nossa amiga, foi um novo início. O que torna uma pessoa tão diferente a ponto de perturbar (um verbo muito bonito que Giussani usa para descrever em que consiste a mudança) o ambiente, a ponto de todos olharem para ela? A ponto de tocar até a pessoa que gerou essa mudança. De facto, a nossa amiga escreve: “Isto fez com que eu também voltasse ao início, restituiu-me a simplicidade do início. Porque me contagia. Desejo estar com ela [a colega], porque vejo Cristo acontecer no seu rosto, no seu espanto, na sua alegria; comove-me e contagia-me. Assim, quando nos encontramos volto sempre para casa a cantar, literalmente, e é fácil dizer ‘Tu’, torna-se cada vez mais fácil. Num dos últimos encontros do nosso grupo de Escola de Comunidade, entrámos de uma maneira e saímos de outra, todos contentes. Era evidente que Cristo estava presente ali, acontecia ali e contagiava-nos também a nós, acontecia também em nós porque O víamos acontecer. É preciso apenas estar disponível a vê-Lo. Percebo que, como tu dizes no texto do livrinho [dos Exercícios], podemos assumir uma posição diferente diante do que acontece [atenção, porque essa é uma sugestão fundamental], como dizendo: ‘Bem que bonito o seu início!’ e, imediatamente depois, analisá-lo, compará-lo com o próprio início, olhando para o facto como se fosse a etapa de um processo em vez de olhá-lo por aquilo que é [em vez de olhar para o que está a acontecer, em vez de nos deixar tomar pelo espanto; de repente, mudamos de postura em vez de nos identificarmos com o que acontece e ficar onde acontece. Por isso muitas vezes é tão fácil esquecermo-nos do que aconteceu]. Porém, é difícil subtrair-se ao contágio quando alguém olha [Giussani diz: se alguém fixa – fixa! – o olhar sobre o Seu acontecimento]. Isto lembra-me também uma frase que conhecemos bem: ‘Procurai todos os dias o rosto dos santos’. Que é uma coisa muito simples. No início foi assim! É isso que gostaria de lhe contar. No fundo da minha vida há sempre uma felicidade cheia de gratidão, não importa o que aconteça, porque na relação de amor com Cristo já tenho tudo, mas o Senhor deu-me a possibilidade

de começar de novo através do encontro com uma professora saída do campo de batalha onde me fizeram em pedaços. Isso é imenso. É surpreendente”. Nós estamos na realidade para ver isto; estamos em “saída” (como nos convida Papa Francisco) para ver isto. Porque somos nós que ganhamos através do que o Senhor faz acontecer diante de nós. É contagioso, não é verdade?

Olá.

Quem te contagiou?

A minha filha. Os últimos anos foram um pouco duros, e agora que parece que as coisas – as sérias – estão a entrar nos eixos, estou a viver uma dificuldade financeira como nunca vivi. Neste período, o que me deu força para nunca deixar de confiar em Deus, e sobretudo nunca deixar de me entregar a Ele, foi minha filha adolescente que, mesmo com uma saúde oscilante, nunca deixou de ter ao lado de sua cama o seu rosário fúcsia, como que para me chamar a atenção e me dizer: “Mãe, confiemos tudo a Ele à noite nas nossas orações”. Eu não poderia saber o que o Senhor lhe reservava. Ela conheceu os Liceus na escola e, graças a alguns professores, experimentou o abraço de Jesus, fez um encontro decisivo. Quando nos apaixonamos por Jesus, perdemos a cabeça; é algo inexplicável o que experimento e vivo como uma graça. Agora, eu também estou a ir à Escola de Comunidade, estimulada por essa esplêndida adolescente que me disse: “Mãe, a mãe precisa de experimentar a beleza que se vive nessa companhia”. Agora o que mais me impressiona são as relações fortes de amizade que vi e vejo com os próprios olhos. Melhor, não apenas de amizade, mas de fraternidade, e isso toca-me muito. Então, não posso deixar de estar grata ao Movimento pelo abraço fraterno que deu à minha filha e que sinto forte também em mim.

Às vezes é-nos entregue diretamente em casa! Basta reconhecer. No entanto, surge a pergunta: isso é acontecimento ou sentimentalismo? Muitas vezes perguntam-me: como distinguir se é apenas de um contragolpe sentimental (que, de qualquer modo, está sempre presente em qualquer acontecimento) ou se é um Acontecimento? Uma pessoa que não podia estar aqui, escreve-me: “Reconheço o Acontecimento cristão hoje apenas quando vejo, no que está a acontecer, os traços inconfundíveis de Jesus; quer dizer, reconheço que Jesus de Nazaré, que nasceu de Maria há dois mil anos, morreu, ressuscitou e está vivo hoje tornou possível o que está a acontecer porque [Por quê? Está vivo hoje porque ela o está a dizer? Não!] senão isso [que vê acontecer] não seria humanamente possível. E não significa que obrigatoriamente se deva tratar de algo excepcional, pode ser até um simples gesto”, mas a questão é que – embora banal – está de tal forma além das possibilidades humanas que documenta os traços inconfundíveis de Jesus.

Quero te agradecer pelo caminho que me estás a levar a fazer e, rapidamente, gostaria de dizer como me está a mudar. A pertença ao Movimento desde há alguns anos verdadeiramente mudou o modo com que me olho. Pertencer à Fraternidade está a tornar-se cada vez mais a ligação mais profunda que tenho e que me liberta das imagens, tanto minhas quanto daqueles que estão à minha volta. Estou a dar-me conta de que a minha identidade passa exatamente por esta pertença. Na pertença à Fraternidade eu descubro, de modo inesperado, quem sou eu, como sou feita. Durante anos sofri muito para me adequar às imagens, tanto minhas quanto dos outros, até que num determinado momento encontrei alguém que falava de mim de modo proporcional aos meus desejos e percebi que aquela era eu, porque era descrita de modo verdadeiro, sem que eu precisasse de me adequar a nada ou censurar nada. No último encontro, provocaste-me muito em relação à questão da letícia, não tanto porque eu não a veja em mim, porque tenho uma personalidade bastante alegre, geralmente sou entusiasmada, mas porque muitas vezes não faço o trabalho que tu nos indicas, ou seja, o trabalho sobre a origem dessa letícia. Da última vez percebi que só se eu fizer esse trabalho é que Jesus se pode tornar familiar a mim: esta é a minha urgência mais imediata, a coisa de que tenho mais necessidade para estar diante daquilo que me acontece. Trabalhando sobre a Jornada de Início de Ano e depois da última Escola de Comunidade, fiquei realmente comovida por voltar a perceber que é a relação com Jesus que me faz e que me determina. O ponto chave e central pra mim é exatamente fazer esse trabalho, quer dizer, voltar para Ele, porque eu

preciso de tudo. Quando volto e Lhe peço para ser realmente feliz e para que faça coisas grandes com esse nada que eu sou – porque é verdade que sou limitada e é verdade que sou inadequada, mas dou-me conta de que comecei a ficar tranquila em relação à minha inadequação –, volto a estar presente a mim mesma, volto a estar presente e apaixonada porque percebo que sou querida. E os desastres que acontecem, as brigas, as coisas que não entendo, são a aposta de que é Ele que vence tudo. Fico impressionada porque essa posição humana, essa decisão, não é uma decisão para ser tomada cada dia, é um trabalho que deve ser feito a cada instante, sempre! Não há um momento em que eu não tenha necessidade d’Ele.

Se a pessoa não percebe essa novidade que Cristo introduz na vida, não encontrará razão adequada para ser cristã. Porque é nesta novidade que se vê a conveniência humana da fé. Porque – como tu dizes – a pessoa pode ser realmente escrava das próprias imagens, como se precisasse de se adequar a elas. Quando, pelo contrário, alguém é libertado dessa escravidão, o que é que lhe é devolvido? A pobreza. Finalmente é livre das próprias imagens, finalmente é livre, porque pobre. E isso dá-nos um olhar novo sobre nós mesmos. Não é uma coisa sentimental. E em quê se vê isso? Porque descubro cada vez mais “de modo inesperado, quem eu sou”. Ao intervires, saltaste uma frase que me tinhas escrito: “As coisas começam a falar-me de novo”, ou seja, as mesmas coisas de sempre passam a falar-nos. E, por fim: “Volto a estar presente a mim mesma”. Tentem gerar tudo isto sem o Acontecimento, e começarão a ver que não é humanamente possível. Por isso surpreende quando acontece. E por isso torna-se mais fácil dizer “Tu”, porque é dito a alguém presente.

Esses traços inconfundíveis, que se documentam neste modo novo de viver a realidade, são a novidade cultural.

Tocou-me uma frase da Jornada de Início de Ano, do ponto quatro, onde dizes: “A atitude que Cristo testemunha expressa toda a novidade cultural que Ele trouxe ao mundo. Para compreendê-la, é preciso reconhecer o que estava a acontecer no íntimo de Jesus” (p. IX). Pergunto: o que estava a acontecer no íntimo de Jesus? O que é que quiseste dizer? Esta pergunta não nasceu por alguma curiosidade “espiritual” ou intimista, mas pelo desejo e pela necessidade de entrar, de conhecer cada vez mais o Mistério que faz tudo.

E por que te veio essa pergunta?

Porque a Jornada de Início de Ano e a última Escola de Comunidade foram o acontecer da Sua presença. Tu, o Davide e algumas outras pessoas que falaram, veicularam a Sua presença, porque testemunharam o que estava a acontecer com vocês. Fica claro que o cristianismo, do modo como é concebido, vivido e transmitido por don Giussani, é simples, não é complicado, basta acolhê-lo, reconhecê-lo, e faz-nos respirar. “O Acontecimento” não é o velho ou novo slogan de CL e também não é objeto de um raciocínio ou do desenvolvimento do meu pensamento. Jesus entra de improviso, de repente, na vida e isso gera em mim surpresa, gera o meu sim a Ele, vence a minha distração quotidiana, faz o coração sobressaltar. O coração: acredito que a verificação e a comparação de cada instante com o coração é o ponto radicalmente necessário para o reconhecimento d’Ele. Não é preciso mais nada. Tu dizes-nos muitas vezes que ele é o nosso melhor aliado. Obrigado por nos teres convidado anos atrás a fazer esse trabalho sobre o coração – tu afirmaste que o coração é infalível, nós é que não somos mais capazes de o ler –, um trabalho que nunca termina. O que aconteceu na Jornada de Início de Ano aumentou em mim cada vez mais radicalmente a urgência d’Ele e a gratidão por este lugar. Esta urgência não acaba, mas aumenta. Cada circunstância e relacionamento provocam esta urgência. A pergunta sobre o que está no íntimo de Jesus nasce desta necessidade absoluta.

Por que falei disto na Jornada de Início de Ano? Justamente por aquilo que dizia a nossa amiga que falou antes, porque a frase de Jesus: “Perdoai-os porque não sabem o que fazem” não seria humanamente possível, assim como o episódio do preso, que cito sempre, seria impensável. Uma reação como a do preso (diante da forma injusta de ser revistado) não é humanamente possível, basta pensar em como reagimos normalmente diante de qualquer tipo de ofensa ou quando nos sentimos tratados injustamente: *by default* “acabamos” com quem nos fez algo errado, depois

refletimos a respeito. Mas quando nos surpreendemos enfrentando de modo diferente as coisas que nos ferem (e as circunstâncias em geral), isto faz-nos perguntar: “O que está é que está a acontecer? O que está a acontecer no meu íntimo que faz emergir em mim uma atitude tão nova em relação à minha reação habitual?”. Esta é a novidade cultural. Para poder dizer: “Perdoai-os...” a quem o está a crucificar, para poder olhar para as pessoas de modo tão diferente do que olhamos, que relação Jesus deve ter com o Pai? Não é que Jesus não soubesse que o que estavam fazendo era absolutamente errado, mas Jesus não separa a objetividade do erro das pessoas, não emite um juízo a-histórico. O preso fez a mesma coisa: “Se estes guardas não tiveram a possibilidade de encontrar um olhar como o que eu encontrei, como poderiam agir de modo diferente?”. “Não sabem o que fazem”, diz Jesus. Para poder olhar deste modo é preciso que aconteça algo diferente. A frase de Jesus não é só uma frase piedosa que deve ser repetida: “Sem mim não podeis fazer nada”. Sem Ele não podemos fazer nada mesmo! E então, quando nos damos conta de que a alternativa é exatamente o nada, começamos a entrever a ponta do iceberg de uma outra coisa, diferente, começamos a adivinhar o que há no íntimo daquele preso, Quem está a agir nele a ponto de fazer emergir uma modalidade de presença cultural na realidade tão absolutamente diferente.

Gostaria de pedir ajuda para perceber o que significa fazer silêncio.

Porque é que perguntas sobre o silêncio?

Porque na Jornada de Início de Ano disseste que o silêncio era um dos instrumentos para a educação e para a vida do Movimento, e que sem o silêncio não há possibilidade de que Ele penetre na nossa vida. Como dizia a intervenção anterior, eu também desejo essa intimidade. Freqüento o Movimento há poucos anos, embora o tenha encontrado há bastante tempo, mas nunca tinha tentado fazer silêncio antes. Quando li isso, uma manhã quis procurar um momento para fazer silêncio, no meio das coisas habituais: a correria, o trabalho, os filhos, as coisas a fazer; algumas vezes tentei fazer antes de dormir, mas o sono sempre vence...

Prevalece!

Então, não fiz silêncio e dormi.

“O Senhor proverá aos seus amigos até durante o sono”, diz o Salmo 126.

Naquela manhã, decidi experimentar fazer silêncio no caminho para o trabalho; ainda levo quase uma hora de carro depois de deixar minhas filhas na escola. Então, não liguei o rádio e não rezei o terço. A primeira coisa que me veio em mente quando me coloquei nesta posição foi o Salmo que diz: “Medito sobre os teus prodígios”. Mas, na verdade, não aconteceu isso, porque comecei a pensar nas coisas que devia fazer, nas coisas que tinha feito, e não havia silêncio. Mas num determinado momento, inesperadamente, pensei numa amiga que desejo que conheça os meus amigos e rezei por ela, mas durante o resto do tempo perdi-me nas minhas pequenas coisas. Então, queria-te perguntar o que quer dizer fazer silêncio e como se pode aprender.

Relanço a pergunta: o que é que quer dizer fazer silêncio?

Nunca tentei fazer silêncio, mas conto dois fatos que...

O bonito disto é que a pessoa não o programa! Assim pode-se ver como surge.

Neste verão, convidamos para as férias do CLU um importante político para conversar abertamente connosco. Durante o diálogo entre ele e eu, vi diante de mais de quatrocentos jovens, um homem importantíssimo, com mais de setenta anos e uma história completamente diferente da nossa, interessado em perceber o objetivo da vida, disposto a perceber o que fazemos neste mundo. Isso unia-nos naquele momento. E aconteceu tudo ali, naquele instante: uma mão que to estende agora. Vi Cristo acontecer quando me dei conta que os dois estávamos a mudar de postura durante o encontro. Num determinado momento, olhando para ele, vi que estava comovido enquanto nos agradecia pela existência de uma companhia onde é possível colocar perguntas tão profundas, um facto que em todos os anos de sua vida nunca tinha visto acontecer, nem na vida pública nem na particular. Para mim, era como se realmente estivesse a acontecer pela primeira vez. Naquele momento, eu também fiquei comovido. Comovido no sentido de que fui movido pela presença do

Senhor. E, juntos, dissemos: “Não sairemos por aquela porta como entrámos, estamos diferentes”. Está, se muda. Depois do encontro, aconteceu-me uma coisa que jamais teria esperado. Normalmente, depois dos encontros vou tomar cerveja com os amigos para comentar o que foi dito. Mas daquela vez não consegui, juro que não consegui! Ninguém me disse o que eu devia fazer, mas juro que estava de tal modo cheio que precisava fazer silêncio – como os apóstolos que se vão embora sem se despedir porque estão cheios do encontro que acabaram de fazer –, porque o meu coração estava absolutamente cheio por aquilo que tinha acontecido (não apenas pelo que tinha sido dito). Não havia nada a acrescentar ao que existia. Estava tudo ali. Este foi o primeiro sinal de mudança que notei. Um acontecimento enche-nos de silêncio e acontece quando menos esperamos, como – segundo facto – aconteceu comigo há algum tempo atrás. Era um dia muito bonito de sol. Uma das minhas paixões é a moto e, então, passei o dia dando um longo passeio de moto. Era o clássico dia em que ninguém te incomoda, ou o clássico dia em que não se pensa em nada. Eu estava-me a divertir, acelerava a moto nas curvas e estava muito contente. Mas, durante o regresso, aconteceu uma coisa que, também desta vez, realmente me surpreendeu. Precisava parar. Precisava parar e olhar, para ter um momento com Ele, para retomar a consciência de Quem faz e realiza tudo na minha vida, para me dar conta de que nem aquele dia lindo me podia preencher. Por isso preciso do silêncio, preciso parar um instante para deixar que aquela terna Presença penetre em mim, porque percebo cada vez mais que não basta que as coisas, os factos sejam bonitos e me marquem, eles precisam entrar em mim, senão permanecerão externos, tornar-se-ão uma lembrança do passado. Somente se deixo espaço para a presença de Cristo, as coisas tornam-se experiência e mudam-me. O facto de parar um instante para olhar, ou seja, o silêncio, é o que mais me está a ajudar porque, como dizia antes, chega a comover o meu coração, a ponto de me deixar definir por Sua presença mesmo naqueles dias em que diria – na minha cabeça – que posso desistir de tudo.

É esta a densidade que a vida pode começar a ter no quotidiano, pelo espanto por aquilo que acontece. Porque, como se dizia antes, meditar sobre os Seus prodígios é ir atrás dos prodígios que Ele realiza agora. E a pessoa pode fazer isso porque está diante de alguma coisa que nunca viu. Pela primeira vez a pessoa é tão tomada que a sua vida se enche de silêncio. Impressiona-me a tua intervenção porque testemunha como tudo nasce unido: começando pelo espanto de vê-Lo acontecer, que é tão evidente porque seria humanamente impossível. Então, o que acontece – como disseste – só pode ser Ele em acção. Está, se muda. E essa consciência d’Ele em acção leva-nos ao silêncio. Por isso a única coisa que tu pudeste fazer foi perder a cerveja para fazer silêncio. A mesma coisa aconteceu-te naquele dia maravilhoso com a moto. Lembro sempre o episódio de *don Giussani* numa festa muito boa, e que, num determinado momento, adverte uma “exasperada tensão [...] a gritar o teu nome, ó Cristo” (*L’attrattiva Gesù*, BUR, Milão 2001, p. 153), e não como alguma coisa de acrescentado depois, mas como alguma coisa que surge do acontecimento presente. Porque o silêncio cristão não é o “não falar”, mas é um silêncio pleno. A maioria das pessoas não suporta o silêncio, porque significa ficar sozinho com o próprio ruído interior, com as próprias dificuldades, com as próprias feridas. Por isso, preferem a música, a televisão, para não ficar sozinhas consigo mesmas. Só é possível ficar sozinho consigo mesmo se uma Presença determina a vida, se estamos cheios de um encontro. Que isto comece a tornar-se experiência, é impressionante, como conta este amigo universitário: “Este ano, um amigo meu que não é do Movimento foi pela primeira vez aos Exercícios do CLU. Fiquei impressionado por ele ter decidido ir aos Exercícios porque para ele este é um período de grandes perguntas e tinha percebido nesta ocasião não tanto a possibilidade de resposta para todas as suas perguntas, mas uma oportunidade para continuar a olhar para elas e colocá-las em discussão, com a convicção de que viver com todas estas questões “não resolvidas” é mais bonito, porque nos faz estar sempre em busca. Na primeira noite, depois da Introdução, no hotel, curioso por saber como tinha sido para ele e que impressão teve, perguntei: “O que achaste desta noite?”. Ele respondeu-me: “Estou muito contente. Dê-me as chaves do quarto porque vou dormir. Quero ir para a cama com esta alegria e não quero estragá-la”. Depois, explicou-se melhor, escrevendo-me: “Estava contente porque estava naquele lugar com a

consciência de que naquele instante era o único lugar onde eu queria estar, com a pessoa que me tinha olhado e me tinha feito ver como é possível viver de modo verdadeiro e pleno. E, por isso, no fim do encontro, eu estava tão cheio de alegria que sentia que qualquer palavra ‘corromperia’ a sacralidade do momento”. Fiquei impressionado porque duas horas foram o suficiente para que ele fizesse a experiência de silêncio que tu nos propões e que eu – é o sexto ano que participo dos Exercícios – nunca experimentei”. É-nos dado de novo até pelo último que chega!

Há pouco tempo atrás desafiei uma amiga para jantar porque queria convidá-la para o meu grupo de Fraternidade, que frequento há cerca de um ano e meio. Pensei nela porque gosto muito dela e porque pensava que aquele lugar, que para mim é tão útil, poderia ajudá-la em algumas dificuldades que ela me tinha contado há pouco tempo. Antes de começar a conversa, pensei muito sobre o que lhe deveria dizer, e estava preparada para responder a qualquer objeção; reflecti bem sobre o que deveria responder para esta ou aquela questão. Quando depois lhe disse simplesmente que gostaria que comesse a participar do nosso grupo de Fraternidade porque gostamos dela e porque para mim, é um lugar privilegiado, ela ficou em silêncio. E quando terminei de falar, respondeu-me, comovida: “Sabes, estava justamente nestes dias a pensar que eu preciso de um ponto [um lugar], porque sozinha perco-me completamente nos meus pensamentos e no caos quotidiano. Digo sim, porque preciso do que tu me estás a propor, preciso realmente disto. Sinto como se me estivesse a afogar e como se alguém me puxasse pelos cabelos. Digo sinceramente: não estou a fazer Escola de Comunidade há algum tempo, não sigo nada e estou sozinha, porém, preciso realmente do que tu me dizes”. Fiquei paralisada, porque dei-me conta de como é verdade aquilo que tu nos disseste no quarto ponto da Jornada de Início de Ano: vi-me, em primeira pessoa, tendo uma determinada impressão das coisas, que, depois, se traduz num discurso, num preconceito. De facto, achava que sabia o que ela me responderia e estava pronta para rebater. Mas depois, quando acontece a resposta à verdadeira necessidade que uma pessoa tem, é diferente porque tira do caminho todos os discursos. E isto foi mesmo evidente.

É o que dizíamos na Jornada de Início de Ano: se este olhar não nos é dado de novo – como vimos esta noite –, não saímos das nossas impressões e das nossas imagens. Mas basta que reaconteça para que a pessoa reconheça que precisa de um ponto para não se perder nos próprios pensamentos ou no próprio caos. É uma necessidade real, palpável, tangível. Às vezes, a pessoa pode não se dar conta imediatamente, mas quando lhe acontecem determinadas coisas, então, percebe. Escreveu-me, surpresa, uma pessoa que sofreu um “golpe” no trabalho, porque não lhe deram o cargo que haviam prometido: “Depois dos primeiros momentos de perplexidade, contrariamente ao que teria esperado, não fiquei dominado pela raiva ou pela desilusão, mas comecei a perguntar-me onde o Mistério estava me estava a levar [começa uma curiosidade: “onde o Mistério me estava a levar”] e que planos reservava para mim. Percebi que, embora não desejasse este facto, podia estar diante do que me acontecia com uma postura nova, de confiança na realidade uma vez que me é dada pelo Mistério. Descobri-me livre da ansiedade de ter um óptimo desempenho e da exigência de ser definido por um cargo. Até àquele momento, nunca tinha tido uma consciência tão clara do que o trabalho regular dos últimos anos de Escola de Comunidade estava a operar em mim [parece nada, mas este trabalho está a gerar um sujeito, uma pessoa que percebe em si um eu novo, através do que lhe está a acontecer]. A certeza de que o que me tinha acabado de acontecer era para o meu bem deu-me uma letícia que levei para casa naquela noite, para a família, tanto que a minha mulher me perguntou o que me tinha acontecido de belo nesse dia [ele tinha acabado de sofrer um golpe monumental, mas não era definido pela sua impressão, era definido por aquela certeza que tinha entrado em sua vida!]. Nos dias que se seguiram, apesar de ainda ter a ferida aberta, prevalecia a vontade de voltar ao trabalho para enfrentar o desafio do quotidiano como nova ocasião de verificação da minha fé”. Esta é a promessa, não abstrata, não apenas na vida eterna, mas já, desde agora, nas circunstâncias quotidianas que vivemos.

A próxima Escola de comunidade terá lugar na quarta-feira dias 20 de dezembro às 21 horas. Neste mês queremos continuar ainda com o texto da Jornada de início de ano, com uma particularidade: não vamos simplesmente retomar o texto em si, mas iremos verificar a ligação entre o seu conteúdo e os gestos de caridade que propusemos da última vez.

Antes de mais, a Recolha de alimentos do Banco Alimentar do próximo sábado, 25 de novembro, que o Papa lembrou na Audiência Geral desta manhã: «Desejo todo o bem à recolha de alimentos que terá lugar no próximo sábado em continuidade operacional com o Dia Mundial dos Pobres que celebrámos no Domingo passado» (22 de novembro de 2017).

Em segundo lugar, a iniciativa das Tendas da AVSI.

O convite é o de não perdermos o início vivendo estes gestos. No início não foi assim. No início construía-se sobre a presença de Cristo; não é que não se construísse, mas construía-se só sobre isso. Se nós não recuperarmos este olhar na forma de fazer os gestos, acabaremos por fazê-los desligados da origem. Podemos experimentar uma novidade vivendo-os precisamente à luz daquilo que vimos na Jornada de início de ano, quando eu dizia que as dimensões da experiência cristã (cultura, caridade e missão) jorram precisamente da origem que é a fé; não estão separadas, mas unidas à origem, são a expressão da origem. É a isto que vos convido: a viver estes gestos como expressão da origem. Estou curioso em vos ouvir contar, na próxima Escola de comunidade, como é que viveram onexo entre o conteúdo da Jornada de início e os gestos da Recolha alimentar e das Tendas AVSI, e como é que responderam à necessidade encontrada, para o bem de todos.

Tendo isto em vista, leio o que nos contam os amigos da Roménia: «Acabei agora de chegar da Escola de comunidade de Bucareste [...] a correr, com o desejo de te escrever e de te contar imediatamente o que foi [para nós e] para mim a Jornada de Início de ano, juntamente com a provocação sobre o Dia dos pobres. Ou melhor, o que é que fez nascer em mim e na realidade romena em que vivo a mensagem do Papa Francisco e como é que a Jornada de início de ano foi um momento clarificador de método e de juízo. A mensagem do Papa, assim que a li, deu-me um abanão. Fala da pobreza numa forma muito concreta, “sem retórica”, dos primeiros cristãos, de como partilhavam a “vocalção da pobreza” e do estarem junto do pobre, do *Pai nosso*... E depois a exortação final em que nos convida a todos (leigos consagrados, movimentos, associações) para que se instaure uma “tradição”. [...] [Depois de ter convidado todas as associações e o Bispo, diz que aconteceu uma coisa interessante] A dada altura sentia-me um pouco cansada, porque por um lado a iniciativa estava a ganhar uma dimensão inesperada [graças a todos estes convites], enquanto que por outro lado, começava a ser difícil de gerir [...] Cá está, [veem como está sempre à espreita o separar uma coisa da sua origem] diante de uma coisa tão bonita e tão grande começou a insinuar-se alguma pretensão e alguma queixa. Assim, cheguei à Jornada de início um pouco cansada e preocupada. E, pelo contrário... Que espanto! Aquele “de repente” e aquele “no início não foi assim!” continuavam a voltar-me à cabeça. O que quer dizer para mim? “No início” só é válido para o primeiro encontro? Ou aquele início dá-se sempre quando acontece alguma coisa “de repente”? E assim perguntei-me o que me tinha tocado na mensagem do Papa. Dei-me conta de que não me lembrava sequer muito bem... Cá está: o “fazer” estava a substituir o espanto inicial. Assim, muito simplesmente, não fiz uma coisa aparatosa, limitei-me a seguir o método: lembrei-me daquele texto, agora abandonado numa gaveta, e reli-o. Surpreendi-me novamente, abanou-me novamente. Que maravilha: nada de lamentos. Obrigada [...] por me teres simplesmente dito: “Lembra-te, faz memória”», para que os gestos que fazemos não se desliguem da origem. É este o trabalho a que somos convidados tendo em vista a próxima Escola de comunidade.

Manifesto de Natal. Este ano escolhemos uma imagem fotográfica. É a fotografia de um campo de refugiados, de outubro de 2017, do fotógrafo Kevin Frayer, da Getty Images News.

O texto é este: «Uma “história concreta [como vimos esta noite, uma história concreta, um lugar] é a chave da concepção cristã do homem, da sua moralidade, na sua relação com Deus, com a vida, com o mundo. A nossa esperança está em Cristo, naquela Presença que, por mais distraídos e esquecidos, já não

conseguimos arrancar – pelo menos, até ao último resquício – da terra do nosso coração por causa de toda a tradição através da qual Ele chegou até nós”.».

Como sabem, é um texto de *don* Giussani relativo ao «sim» de Pedro. Escolhemos esta frase de *don* Giussani porque o Natal é, na sua essência, “a” história concreta – e esta noite vimos como continua: como algo de real, que acontece, que continua a acontecer no presente –, o facto que é a salvação para todos. Deus escolheu este método através do qual faz passar a verdade universal, que não se afirma através duma discussão em abstracto sobre a verdade, mas através duma história concreta, algo de presente, para que os nossos irmãos homens sejam tocados precisamente pela Sua presença que passa através de nós e que é capaz de atrair todos, até os que vêm de culturas diferentes. Esta noite vimos isto ilustrado: desde a filha que o transmite à mãe, da directora que o transmite à professora, de outro que o transmite ao amigo. Não há outra maneira de se transmitir o Acontecimento, senão acontecendo.

Veni Sancte Spiritus